

AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA

Diretor: Prof. SERAFIM PORTO

Administrador: MANOEL PERES

ANO II

Rio de Janeiro — Quarta-feira, 15 de Outubro de 1947

Preço: Cr\$ 0,50

N.º 42

OUTRAS COUSAS DISSE O PAPA

POR: JOSÉ OITICICA

Segundo um telegrama, declamou o papa sobre a opressão e violência desencadeadas contra os católicos na Jugoslávia e alhures.

E' vezo da Igreja, em todos os andares, vociferar contra os seus perseguidores. Entre os perseguidores se acham todos quantos resistem aos seus impetos dominantes e absorventes. Ora, o muito santo padre anda esquecido das tremendas perseguições históricas da Igreja e das tremendíssimas perseguições de Mussolini, seu aliado, a quantas forças e mentalidades havia livres na Itália. Essa Igreja colaborou, ora direta ora indiretamente, por sua complacência, em quanto assassinio, deportação, encarceramento houve na era draconiana do assassino-palhaço. Que autoridade tem agora para falar em perseguições? E, presentemente, quem mais persegue as consciências livres no mundo? A Rússia e Franco. Mas Franco e a Igreja são aliados, são siameses, são unha e carne na brutal reação espanhola, na destruição de tudo quanto é liberdade, autonomia espiritual, rebeldia ao seu suseranato político, disfarçado em religião.

O mais cômico de tudo, entretanto, é a exortação do papa aos homens para que trabalhem por uma distribuição mais justa da riqueza. Ergue-se o papa contra a míope especulação e práticas que fazem mal a populações inteiras. Acrescenta que os acontecimentos naturais causam a distribuição desigual dos bens do mundo, mas que a Igreja está contra a acumulação destes bens em mãos de um grupo relativamente pequeno e excessivamente rico, ao passo que as camadas proletárias vivem na miséria.

E' de notar que a Igreja, agora, só agora, está plagiando os anarquistas, pois só estes, hoje em dia, investem seriamente contra o acúmulo das riquezas nas mãos de alguns, seja esse alguns, indivíduos, grupos, companhias ou Estados. Dentro desses Estados, incluímos nós anarquistas, precisamente, essa Igreja Católica Romana, dona de incalculáveis bens, enfeitados nas mãos da cúria romana ou das ordens religiosas ou da nababesca associação dos jesuítas, subservientes em tudo ao papado, mas senhores dele.

Essa Igreja usurpou, com o tratado de Latrão, há meses confirmado, um bilhão de libras, fora numerosos imóveis, ao povo italiano faminto.

Para manter sua burocracia parasita de cardiais, arcebispos, missionários, padres de toda casta, a Igreja explora os povos por todos os processos, pedindo esmolas em toda a parte com pretextos múltiplos e sempre renovados.

Um patricio nosso, João Martins, operário anarquista estudiosíssimo, escreveu um substancioso livro História



das riquezas do clero onde relata os infames processos de que sempre se serviu a Igreja para acumular prodigiosas riquezas.

Para dar exemplo de sua sinceridade, deveria o papa restituir ao erário de pauperadíssimo, o bilhão de libras roubadas ao povo de Itália, vender o ouro do seu trono ou mandá-lo converter em liras-ouro começando assim um encaixe-ouro restaurador das finanças italianas. Em vez disso, o anacrônico e ridículo papa ousa afrontar o pauperismo universal saindo a público no seu trono-de ouro, carregado por proletários, numa ostentação de opulên-

cia e soberba revoltante. Nenhum rei ousaria hoje passear sua vanglória encarpitado numa cadeira de ouro.

O telegrama descreve literalmente: "Quando apareceu o papa em sua liteira e rodeado de tropas da Guarda Suíça e da Guarda Papal, a multidão entouu uma canção". A multidão ignorante e esfomeada ovacionava um papa que tem o desplante de rodear-se de guardas pagas pelo povo ao mesmo tempo que censura, ante esse povo, os acumuladores de riquezas.

O telegrama diz adiante: "O papa começou a falar pouco depois das sete horas, parecendo gozar excelente saú-

de depois de suas férias em Castel Gandolfo".

Castel Gandolfo é uma das propriedades nababescas entregue por Mussolini ao papa no arranjo ominoso do subórno da Igreja.

Se a república italiana fôsse realmente a herdeira dos revolucionários históricos e não o valhacontos dos mais criminosos fascistas, inclusive os católicos de toda laia, Castel Gandolfo e todos os demais numerosos prédios e terras conferidos à Igreja, teriam voltado ao patrimônio nacional.

O papa fala numa distribuição mais justa das riquezas.

Significa isso, parece, que o papa considera justa a distribuição atual das riquezas, apenas essa distribuição poderia ser um pouco mais justa.

Para ele a distribuição mais justa seria a recomendada pela famosa *Rerum novarum* onde o manhoso Leão XIII procurou, depois de haver Pio IX declarado o socialismo a peste moderna e contra ele despejado todas as suas iras, um meio sorrateiro de se fazer também socialista, apavorado com o desenvolvimento sindical consequente à Primeira Internacional.

Ora, na *Rerum novarum*, o papa aconselhou aos ricos, sabendo que nenhum lhe seguiria os conselhos, que abrissem um pouquinho mais a bolsa, tanto quanto bastasse para não provocar revoltas perigosas. Ao mesmo tempo, exortava os pobres a conformarem-se com um salário razoável e a terem respeito aos seus patrões, às leis do Estado, aos mandamentos de Deus e da Igreja pois o Altíssimo lhes pagaria a resignação e virtudes, a humildade e paciência com a glória celestial.

Até agora a propriedade, para a Igreja e todos os católicos, tem sido um direito sagrado. Ai da mão que tocar nesse direito, mormente se for eclesiástico! Mercê de tal sacrossantidade, foi a Igreja amontoando as indescriíveis riquezas que possui.

Agora, proclamam os católicos, alguns pelo menos, que o direito de propriedade não é o poder absoluto de monopolizar riquezas.

Acetiam, contra a vontade, a afirmação básica do socialismo revolucionário. Fazem-no, repetimos, a contragosto, constrangidos pelas greves, sabotagens, ocupações, revoltas contínuas dos oprimidos. Cedem à onda revolucionária, hoje levada avante exclusivamente pelos anarquistas, os revolucionários apolíticos, os únicos conscientes, conforme ensina a história de um século, de que somente a ação direta dos trabalhadores, a revolução dos explorados, poderá promover a queda total do regime de propriedade só defendido pelos ladrões, ladrões de toga ou batina.

Figuras do Anarquismo



FRANCISCO FERRER GUARDIA

Nascido nos arredores de Barcelona em 1859, foi educado na religião católica e nela permaneceu, como fervoroso crente, até a idade de 15 anos.

Dotado de extraordinária força de vontade, fez-se professor e vendo, na educação, a obra de emancipação do povo, criou a Escola Racional, que começou a funcionar em 1901, escola bem diferente das religiosas e laica, as quais só não são iguais, nos fins — predomínio da Igreja, predomínio do Estado, uma vez que ambas não atacam as causas que fazem os homens viver uns, da miséria e desgraça dos outros; ambas usando de meios idênticos, agarram das crianças e arrancam-lhes as idéias que lhes vão surgindo espontaneamente; as idéias próprias que vão brotando de tudo o que elas vão observando e compreendendo; as idéias que farão homens livres, e as transformam em autómatos, sempre cheios de pavor diante do que lhes dizem ser o sobrenatural, ou em servidores inconscientes sempre satisfeitos, conformados ou resignados, com a sua condição de homens sem vontade, fazendo sempre o que lhes determinam que façam, já-mais o que lhes é ditado pela razão.

Em 1908, fundou Ferrer, em Paris, a Liga Internacional para a Educação da Criança, com as publicações — *L'Ecole Renouée*,

em Paris; *La Scuola Laica*, em Roma, designação imprópria, justificada, porém, pelo meio; e o Boletim da Escola Moderna, em Barcelona.

A obra de Ferrer, destinada a fazer da criança, uma criatura boa, socialmente completa, co-nhedora de todos os seus direitos, dirigida pela razão e pela verdade, livre de preconceitos religiosos ou políticos, não podia deixar de atrair o ódio de sacerdotes e políticos. Encarceraram-no, assim, em 1906, por ocasião do atentado contra Afonso XIII.

A verdade se impunha, todavia, e ganhava campo. Tremia a Igreja e tremia o Estado. Era preciso eliminar Ferrer, já que argumentos não havia. Incluíram-no como participante da sublevação popular de Barcelona, causada pelo envio de tropas, para a carnificina de Marrocos.

Embora provada a sua inocência, foi Ferrer fusilado na madrugada de 13 de Outubro de 1909.

— "Não choreis a minha morte; não percais, glorificando a mortos, um tempo de que necessitais para orientar e educar os vivos". — últimas palavras...

O racionalismo que preconizamos

Ela tem por fim fazer da criança um ser humano completo, íntegro. Dirige-se a criar em cada criança, não um ser mutilado, mas um indivíduo socialmente completo, conhecedor de todos os seus direitos, tendo uma consciência social íntegra e não sendo apenas uma máquina eleitoral.

Nas escolas racionais, segundo a exposição de princípios da "Liga Internacional de Educação Racional da Infância", fundada por Francisco Ferrer, tem-se em vista que a educação deve assentar em bases científicas e racionais, e por conseguinte repele toda a intervenção sobrenatural ou autoritária; que a educação é mais importante do que a instrução, e deve compreender, além da "formação da inteligência, do desenvolvimento do carácter, a cultura da vontade, a preparação dum ser moral e físico, bem equilibrado, cujas faculdades sejam harmonicamente associadas e levadas à sua máxima potência".

A educação moral é também experimental e tem como ideal e fundamento a prática da "grande lei natural da solidariedade".

"Os programas e o método são adaptados tão exatamente quanto possível à psicologia da criança". E assim os programas não são inalteráveis, a ordem das matérias tais como neles existe tem mínima importância: uns servem apenas de orientação para o professor, a outra é alterada constan-

temente, de harmonia com a psicologia individual dos alunos e com o meio social a que se aplica, urbano ou rural.

Preocupando-se mais com a qualidade do que com a quantidade, com o saber consciente do que com o palavreado erudito de sábios; é pois um ensino intensivo e não extensivo, característica do ensino laico.

Como princípio fundamental em pedagogia ela preconiza que só se deve ensinar às crianças o que elas podem compreender, ver. E como a psicologia da criança é essencialmente concreta, assim também o seu ensino deve ser essencialmente concreto. A abstração é posta de parte por incongruência.

Preocupa-se com que a criança, sinta, veja, entenda, que investigue por si própria, observe, coleione sistematicamente e conscientemente os conhecimentos, que tenha discernimento, critério e iniciativa própria. O ensino é feito com coisas e não por palavras. E' um ensino simples, sobrio, prático, vivo, verdadeiro, livre de idéias já feitas, emolduradas em definições sibilinas, sem palavreado, sem lições a dedo; é feito numa linguagem clara e sã, não pretendendo formar só sábios ou literatos, indivíduos estranhos à produção

a quase todas as demais atividades sociais.

A escola racional não confunde o estar preparado para a vida com o estar preparado para ser um comerciante ou um burocrata ou um eleitor, e neste intuito ela cura principalmente da educação social integral e não da mera educação político-galopineira. Procura fazer de cada aluno um ser econômico — no sentido de que deve desempenhar uma função econômica — como deve ser um indivíduo familiar, artístico, científico, moral e justo.

O que, sobretudo, distingue a escola racional é que ela é essencialmente um método, um processo de ensino, baseado em estimular na criança a investigação científica, em lhe ensinar só o que ela pode compreender dum modo claro e nítido, provocando-lhe a raciocínio de modo que seja a criança que descubra a lei, o princípio, a causa, numa palavra, a verdade científica, indo de raciocínio em raciocínio, de experiência em experiência.

A ação do professor limita-se, pois, a provocar habilmente a atenção do aluno e auxiliá-lo nessa busca da verdade, nessa luta pelo saber. Ao professor é vedado dar à criança a verdade já feita e demonstrada, dentro dum enunciado ou duma definição.

A disciplina à militar é completamente condenada. A verdadeira disciplina encontra-a ela na amizade, na boa camaradagem que deve haver entre os alunos e os professores.

Sobre higiene escolar, quanto ao estudo, conhece o que é a doença que o dr. Delassus denominou *Ecolismo* ou seja o resultado morbido do excesso de trabalho exigido pelos desapiedados programas, que forçam os estudantes a um surmenage intelectual contínuo e os obriga a um sedentarismo prolongado, cujas taras principais são o desvio da coluna vertebral, perturbações da vista, mal funcionamento das vias digestivas, excitação nervosa, etc.

Enfim, para terminarmos citamos o que Francisco Ferrer escreveu em 1907 quando estava preso no Cárcere Modelo, e que veio publicado na *Humanidad Nueva*.

"A Escola Moderna (ou seja ensino racional) não tem por fim unicamente fazer desaparecer dos cérebros o preconceito religioso. E' certo que é ele um dos que mais se opõe à emancipação intelectual do homem, mas expungí-lo não é suficiente para se preparar uma sociedade livre e feliz, porquanto não se compreende que o seja

sem liberdade, só porque não tem religião".

"A Escola Moderna propõe-se a combater todos os preconceitos que entram a completa emancipação do homem. Porisso a instrução que ministra é racional, humanitária, levando o espírito da criança ao conhecimento de todas as injustiças sociais, para que, por sua vez, possa combatê-las e opor-se-lhes. O racionalismo que preconizamos abomina as guerras fratricidas, internas ou externas, a exploração do homem pelo homem, a escravidão da mulher; tem como alvo a destruição de todos os fatores da des-harmonia humana, como a ignorância, a maldade, o orgulho e outras chagas sociais que tanto afligem a humanidade".

"O ensino racional e científico da Escola Moderna abrange, como se vê, o estudo de tudo aquilo que é favorável a liberdade do indivíduo e à harmonia da coletividade, isto em procura dum regime de paz, de amor e de felicidade para todos, sem distinção de classes, nem de sexos".

(Do livro *Educação e Ensino* de Adolfo Lima).

O QUE É A PÁTRIA

POR ROBERTO DAS NEVES

— O sr. exalta no seu livro o "amor da humanidade", colocando-o acima de todas as coisas. Ora, a humanidade é uma abstração revolucionária. Acima da família, célula da sociedade, só existe a pátria! — proclamava o tenente-coronel Salvação Barreto, chefe da Comissão de Censura de Salazar, justificando o confisco da edição da minha última obra, "O Meu Livro", medida por ele determinada e contra a qual eu fora reclamar.

— Mas, por favor, sr. tenente-coronel, pode dizer-me que coisa é a pátria?

O meu interlocutor olhou-me, com um misto de espanto e indignação, e, após alguns segundos de silêncio, replicou:

— Podemos definir "pátria" como uma comunidade de raças, de religião, de interesses, de recordações e de língua. Por outras palavras, é um conjunto de seres humanos que vivem livremente sob as mesmas leis.

— Uma "comunidade de raças"... — disse?! Mas o povo português, como qualquer outro, é constituído por indivíduos pertencentes às raças mais diversas. O que se chama hoje "povo português" é, como sabemos, o resultado de um amálgama secular de iberos, celtas, romanos, gregos, godos, fenícios, árabes, espanhóis, franceses, etc. Giram nas nossas veias glóbulos sanguíneos de mongólicos amarelos, de latinos morenos e castanhos, de germânicos alvissimos e louros, de árabes terrosos e brônzeos e, até, peles-vermelhas, trazidos por filhos de muitos dos que foram descobrir o Brasil.

— Admito, mas...

— Comunidade de religião? Tampouco. Entre os indivíduos que habitam a região a que se convencionou chamar Portugal, há-os que professam a religião católica, qualquer das confis-

sões protestantes, o espiritismo, a teosofia, o budismo (em maior grau, na Índia Portuguesa), o confucionismo (na colónia portuguesa de Macau, na China) e qualquer das estranhas seitas do interior das colónias portuguesas de África. E há até os que, como eu, não professam religião alguma.

— Mas o sr. não pode negar que nós estamos ligados por laços tradicionais de interesses. Ao invadirem Portugal, os estrangeiros (romanos, mouros, espanhóis e franceses) encontraram sempre, de pé como um só homem, os portugueses (a princípio, chamados lusitanos), que varreram do território nacional os intrusos, em lances heróicos. Esses atos de heroísmo, como os que imortalizaram Afonso Henriques, Nun'Alvares e a Padeira de Aljubarrota, inspiraram-se no "amor da pátria", baseado, por sua vez, na comunhão de interesses, que ninguém pode negar.

— Nego eu, sr. tenente-coronel. O sr. não ignora que, todos os dias, a polícia fareja e descobre e faz abortar conspirações políticas e greves. Que significam umas e outras? Nada menos que uma parte do "povo português", a dos governados e assalariados, não está satisfeita com a outra, a dos governantes e patrões. Os interesses dos primeiros são diversos, para não dizer diametralmente opostos, dos segundos.

— Maneiras de ver! — limitou-se a objetar o meu interlocutor.

— O sr. falou também em comunidade de recordações. Mas, enquanto

os bem instalados na vida podem ter as melhores recordações deste país, onde têm podido viver uma existência regalada, eu e milhares de outros só temos recordações desagradáveis, amargas, de Portugal, onde temos curtidão privações de toda espécie, perseguições por motivos de opinião e outros. Por isso emigramos aos milhares. Posso assegurar-lhes que os melhores dias da minha vida os passei longe da minha "pátria", em países "estrangeiros". Sinto-me por isso mais identificado, por laços de recordações agradáveis e de camaradagem intelectual e espiritual, com muitos "estrangeiros" (os que nutrem as mesmas aspirações de justiça e de beleza que eu) do que com numerosos dos meus "compatriotas".

— ?!

— Quero também demonstrar-lhe que nem a comunidade de língua, de costumes e outras coisas que o sr. invocou, ou possa invocar, caracteriza e legitima a "pátria". A Suíça, por exemplo, tem três línguas oficiais, cada uma delas falada em regiões de hábitos e costumes os mais diversos; a Espanha, quatro; a Rússia, dezenas; e assim por diante. No "império português", que o sr. dr. Oliveira Salazar acaba de ressuscitar, falam-se também dezenas de idiomas, incluindo as línguas rudimentares dos indígenas das colónias. Finalmente, quanto a ser a "pátria" um conjunto de seres humanos que vivem "livremente" sob as mesmas leis, considero-o igualmente uma definição errônea. A maior parte dos cidadãos vivem, como eu, subme-

tidos a leis que não fazemos, com que não concordamos, que violamos sempre que podemos e que só cumprimos porque a tal somos compelidos pela força repressiva do Estado.

— Ousa, então, o sr. negar a "pátria"?

— Seria tão absurdo como negar os prostíbulos, as tabernas e as guerras, apenas porque não concordo com a sua existência. Nego, sim, é que o conceito de "pátria" se baseie em qualquer coisa racional e respeitável, pela qual a nossa razão deva aceitá-la e sobrepô-la, como o sr. pretende, ao conceito de "humanidade". "Pátria" significa, etimologicamente, a terra onde nasceram, residem ou jazem os nossos pais (em latim, *patri*). O conceito alargou-se, pela política, até abranger um território definido por fronteiras fixadas arbitrariamente pela ambição e a sorte elástica das armas dos conquistadores. Ora, se estendemos o conceito de "pátria", da aldeia onde nasceram, vivem ou repousam os nossos pais, até a nação, porque não alargá-lo um pouco mais, de modo que abraça o mundo ou planeta em que vivemos, já hoje tão pequeno, no século do avião? Teríamos, então, uma "pátria" maior: a pátria planetária, ou seja, a pátria humana, a Terra. Se raciocinar comigo, sr. tenente-coronel, reconhece, agora, que matarem-se os homens pelo "amor da pátria" é uma tolice, e que a verdadeira abstração é, não a humanidade, mas a pátria.

— ?!

— Estranha? Foi e é esse o sonho

de grandes homens de todos os tempos: de Diógenes, que se jactava de ser "cidadão do Universo"; de Cristo, que não distinguia entre judeus, samaritanos e homens de outras nações; de Vitor Hugo e Einstein, para não citar senão alguns. Até a língua comum, o esperanto — já que o sr. falou em comunidade linguística como característica da pátria — existe para a grande pátria humana do futuro. Será a instituição desta um grande passo para a era de paz, pela qual todos os corações generosos ansiam. Então, não precisaremos mais de exércitos, e o sr. pode tranquilamente dedicar-se a profissão mais interessante e mais simpática.

— Permite-lhe expor, com toda liberdade, doutrinas heréticas. Sim, o sr. é um hereje! — explodiu o tenente-coronel Salvação Barreto. Não o mando prender porque entendo que o sr. já sofreu bastante penalidade com a apreensão do seu livro, altamente herético. Vá-se embora — e tome juízo!

— Muito obrigado, sr. tenente-coronel. Duplamente obrigado: pelo elogio, chamando-me "hereje", e pela generosidade, concedendo-me, em nome do sr. dr. Oliveira Salazar, a dádiva de continuar a desfrutar o sol acariciador da liberdade — da liberdade muito relativa que se goza hoje em Portugal.

— Para que o sr. possa continuar a viver livremente e solidariamente com os seus compatriotas, sob o império comum das leis, que é a "pátria". — ficou ele resmungando, enquanto eu fechava, atrás de mim, a porta da moderna Real Mesa Censória, que, sob o nome de Censura, o moderno Torquemada, António de Oliveira Salazar, instituiu e mantém na "pátria portuguesa".

A DESCAMISADA

ANTONIO DE SA

A farda grotesca levada à cena, no palco do continente europeu, pela enviada do governo fascista argentino, camuflada de "mensageira da paz", serve, pelas circunstâncias de que se revestiu, de marco ilustrativo da podridão político-social da nossa época. Revela, expressivamente, a insinceridade ideológica dos dirigentes políticos, seja qual for o letrado pintado na taboleta dos seus corruptos partidos.

A espetacular "enviada" visitou, oficialmente, a Espanha manchada pela mancha negra do fascismo nazifascista; a França democrática, onde foi recebida e homenageada, pelo socialista Ramadier; a Itália, cujo governo tem sido alternadamente integrado por ministros saídos dos partidos da esquerda; o Vaticano, onde recebeu, contrita, a benção papalina; Portugal empestado pela abjeta ditadura salazarista.

Nestes países vigoram regimens políticos, aparentemente antagonísticos. No entanto, em todos eles foram-lhe, oficialmente, prestadas excepcionais honrarias.

Esta incoerência política, significa que as palavras — fascismo, democracia — só têm sentido ideológico, para o povo ingênuo; para os políticos são meros rótulos para encobrir interesses escusos e sordidas ambições.

No capítulo das homenagens, merece especial registo a Espanha franquista. Franco e a igreja católica, afrontaram, criminosamente, a tremenda miséria do martirizado povo espanhol, esbanjando loucamente, montões de ouro, na realização de pomposas festas, com deslumbramentos de apoteose, tão inconcebíveis, como as lendas das mil e uma noites, em honra da pupila do jesuíta padre Benitz.

O paranoico sanguinário esbanja tão prodigamente o ouro que suga da Espanha escravizada, como gasta, com furia sadica, o sangue generoso dos espanhóis insubmissos, que lutam contra a sua insuportável tirania. Jamais a velha Castela realizou festejos de tanta pompa e grandeza, como os que Franco consagrou à esposa do seu parceiro argentino. A igreja católica, em competição com o megalomaniaco caudillo, celebrou, com esplendor, carnavalescas procissões, conduzindo, debaixo do pálio, Eva Peron, com mais pompa, talvez, que outrora em Roma, a papisa Joana... Abriu as portas das velhas catedrais, para receber, nas suas magestosas naves, com honras de divindade, a mediocridade profana, personificada na antiga atriz de novelas baratas, tão ridiculamente endeusada pelos adoradores de manipangos fascistas.

Neste ambiente beatífico iluminado pelos falsos reflexos da ilusão celeste, sua alma, d'antes tão pecadora, exortada por bispos e cardeais, mergulhou num banho místico de água benta, emergindo dele purificada de feios e antigos pecados... E a nova "Deusa", presa de morbida vaidade, exibiu em cada dia, ou em cada hora, variadas e riquíssimas toilets, confeccionadas nas capitais da elegância; peles raras, capas de arminho, joias, representando fortunas de incalculável valor!

Esse luxo desvaído, ostentado por uma creatura, que cinicamente se intitula "descamisada", foi um escarneo ao drama pungente de miséria e

terror que vive o proletariado espanhol, sob o regimem do banditismo falangista erigido em sistema económico e político.

A Espanha luminosa de Ferrer, foi grosseiramente insultada pela Espanha negra de Torquemada! Não nos admiramos: é característico fascista — matar e escarnecer.

A despeito das manifestações de apreço, dedicadas, pelos Governantes da Europa — fascistas e democratas — à "mensageira da paz", os trabalhadores mantiveram uma digna atitude de indiferença ou hostilidade. Em alguns países, soaram até, notas dissonantes na sinfonia das homenagens oficiais. A nobre atitude do proletariado inglês foi a mais edificante e coerente, ao anunciar que era indesejável a visita, à Inglaterra, da enviada do fascista Peron! E' que os trabalhadores ingleses já não crêm na sinceridade dos líderes trabalhistas que os governam, quanto mais nas boas intenções da paradoxal "descamisada" que zomba da humanidade verdadeiramente descamisada, ostentando, descaradamente espantosas riquezas, transportadas de um país para outro, em dezenas de malas! Louvemos calorosamente, o operariado europeu, cujo bom senso, e dura experiência, lhes mostrou que a "mensageira da paz", era, apenas um verme fascista metamorfoseado em coloridada borboleta...

Não se esqueceu que nos tempos de Hitler e Mussolini, Peron competiu com estes tiranos em perseguições e violências contra as organizações operárias, que não aceitaram a sua reles demagogia e contra os liberais da Argentina que não se curvaram ao seu despotismo. Sabe muito bem que, ainda hoje, Peron veste, por baixo da camisa democrática, a camisa fascista, bem chegada ao seu coração de tiranete impostor, e que para os trabalhadores e imprensa livre, emprega, cinicamente, uma camisa de forças.

E nós, que repudiamos toda a espécie de manifestação, aqui expressamos o nojo que sentimos, pela nauseante comédia, representada pela atriz peronista e seus repugnantes comparsas de todos os matizes políticos.

Compraz-nos verificar que a espantosa comediante, não teve talento sequer, para impressionar as massas trabalhadoras. Apenas conseguiu efêmeros e mesquinhos triunfos de mulher fisicamente bem prendada, sobre um grupo de literatos venais, políticos dissolutos, cardeais, bispos e demais devassos tonsurados. Esta corte vil de bajuladores, queivou o incenso de lisonja, não em devoção à personalidade de uma mulher de estrutura moral e intelectualmente superior, mas sim à esbelteza de uma estátua de carne viva, cujas linhas voluptuosas lhe espicacaram a gula sensual...

Por tudo isto, e pelo muito que falta dizer, a sacerdotisa do culto exercendo do luxo, ficará marcando como um símbolo de imoralidade e devassidão da casta político-clerical que domina e desgoverna o mundo. Casta de leprosos mores, que explora, oprime, engana, a imensa legião dos engeitados da fortuna, constituída por todos os que produzem a riqueza social. Classe desumana que, por egoísmo, desencadeia guerras e não garante a paz, sendo a responsável pela miséria universal.

LEIAM

"AÇÃO DIRETA"

Redação:
Rua Buenos Aires, 147-A, 2.
Rio de Janeiro

E

"A PLEBE"

Um e outro encontram-se à venda nas bancas principais do Rio e de S. Paulo

Por que ha revoluções

POR: FERREIRA DA SILVA

As águas de um rio abrem o seu caminho, vão deslizando conforme as condições do terreno, mansas quando o espaço chega, esbravejando se as margens se apertam, saltando impetuosas sobre as pedras, redemoinhando nas curvas, e logo recuperando a calma na planície onde mais facilmente cavam o chão e conquistam a liberdade.

Mas essa liberdade ainda é limitada. Aumenta o seu volume, novos caudais se juntam à corrente, o rio engrossa, já é maior a sua necessidade de expansão, atravessa cidades entre canais alinhados, fundos mas estreitos, fura as pontes chicoteando seus pegões, borbulha contra os cais, balança as embarcações, para desaguar por fim no oceano amplo, imenso, livre.

Depois, começa a agitação do próprio oceano, onde a água também sente no seu marulhar a prisão das praias, onde as vagas altaneiras se despedaçam contra rochedos, onde o vento levanta as cristas das ondas e logo as agoita no incessante e calamitoso vai-vem da procela.

Assim são as idéias e os anseios de liberdade dos povos. Nascem livres, começam a sofrer a limitação dos preconceitos, enlaçam-se depois nos diques da lei, e lançam-se no oceano da revolução, onde a vida se renova a cada movimento e o premio dos impulsos violentos é a reverberação do sol na superfície prateada dos mares profundos e na quietude da bonança.

Será esta a explicação das revoluções? Terão as revoluções uma sina como a da água dos rios e dos mares, a sina de só descansar um momento para agitar-se de novo e rugir e ameaçar e vencer tudo que se oponha à sua livre expansão? Será por isso que há revoluções?

O povo encontra o motivo das revoluções mais ao seu alcance, sem necessidade de divagar filosoficamente em busca de conflitos ideológicos ou causas metafísicas. E não só o povo que forma as massas numerosas e menos instruídas, mas até aqueles que mais conhecem os problemas económicos e os conflitos sociais. Advogados, por exemplo, que passam a vida a lidar com leis, com as artimanhas das leis, com o sistema jurídico da sociedade capitalista.

Discutia-se há pouco, num círculo heterogeneo, o drama dos governos que não sabem ou não podem descobrir novas fontes de receita para sustentar a máquina estatal, garantidora

Em torno dos milagres do Padre

POR NEIVA SOBRINHO

Uma legião de humildes (castrados da própria vontade) arrasta-se miseravelmente, numa onda de propagação da batina e das rubricas do clero, à procura do Padre António e de N.S. da Graça.

Dizem que os "milagres" se sucedem e as desilusões se multiplicam. Mas a verdade é que as medalhas já custam 15 cruzeiros, e os retratinhos se vendem aos milhares... enquanto o Padre com o espirito da Santa continua "fazendo miséria".

Ao mesmo tempo que os outros povos cogitam da energia e da bomba atômica, o povo brasileiro faz romarias bizantinas, faz promessas, compra medalhas e economiza dinheiro para os santos. Com essas crendices, que só vicejam na ignorância, no clima da estupidez e da imoralidade, o povo brasileiro dá ao mundo uma demonstração de quanto é conservador; pois, os costumes indígenas e os hábitos europeus da Idade Média ainda são de tal forma obedecidos por tão grande número de fiéis, que o dinheiro que a estes se suga daria para alimentar regaladamente todos os parasitas, Ministros de Deus, que andam fornicando pelo mundo de a inocente imaginação das solteironas.

A debilidade moral de um povo se acusa quando esse povo demonstra não possuir vontade. E é isso que demonstram todos quantos se arrastam ao encontro de um suposto "milagre" da bênção de Padre António.

Incapazes de raciocinar, porque nunca souberam o que isto seja, incapazes de quererem, porque se acostumaram apenas a obedecer e a comer o que lhes dão, os doentes que, naturalmente se suggestionaram com o Padre, como se suggestionariam com qualquer asno ou pedaço de poste enferrujado, esses doentes, coitados, são simplesmente blocos de carne, meros objetos que a toda hora podem ser conduzidos mentalmente por qualquer ser humano propriamente dito.

da propriedade. O círculo era formado de comerciantes, capitalistas, um professor e um advogado. E' claro que os primeiros, beneficiários de um sistema que se baseia na exploração do homem pelo homem, donos de bens materiais, detentores da propriedade, eram daqueles que desejam a garantia da propriedade pelo estado mas resmungam sempre quando o estado lhes pede os meios de sustentar a sua máquina de segurança, a cadeia de forças opressoras, a burocracia parasitária e o exército improdutivo mas forte na sua missão de impôr a ordem e garantir o sono dos tiranos. Ainda que pareça estranho ninguém mais do que eles reclama e protesta quando tem de pagar impostos.

O professor encarava o problema difícil por um lado prático, embora sem aprovar a solução. Já que os impostos atingiram o máximo, esgotando a capacidade tributária, o governo teria farto recursos na restauração do jogo, regulando a existência dos cassinos e tirando sua parte das torrentes de ouro despejadas na batota.

Essa escola de crengas, feitiços e superstições, porém, é uma sarna extremamente contagiosa; por isso, absolutamente, não me revoltou contra os sarmentos de nenhuma religião. Para mim, pouco importa que meu vizinho acredite nos milagres do Padre António ou que mande o Padre, o marido ou amigo da Santa para a casa do Diabo, pouco importa. Com o que não me conformo, entretanto, é que o Estado, que se diz uma instituição cujo fim é a gerência e administração da coletividade, com a qual diz que se confunde em essência, possa oficializar esses hábitos, esses caprichos, essas manias caducas, esses costumes sociais que cada vez se tornam mais ridículos, e, ao mesmo tempo, desprezitar, menosprezar e incompatibilizar com o meio inúmeros materialistas, ateus e hereges que muitas vezes são respeitáveis cientistas, grandes matemáticos ou conceituados filósofos. Mas, se assim o Estado pratica, é que desse modo lhe ficam mais bem garantidas as tetas dessa vaca leiteira que se chama humanidade.

Nosso Estado tanto não acredita nas tripolias do Padre António que, se acreditasse, chamá-lo-ia para curar tudo quanto fosse funcionário público, em vez de gastar 70 mil contos com a construção do Hospital do I.P.A.S.E.

O caso, porém, está tomando outras proporções que, se é verdade o que dizem, devemos fechar a Faculdade de Medicina ou transformá-la em Escola de Padre António, para assim se irem formando os novos curandeiros. E, por via das dúvidas, vou fazer meu pedido a Padre António, já que ninguém se lembrou de fazê-lo por mim:

Peço que o Padre transporte o ouro do Vaticano para o Brasil e aqui dê casa aos que não têm, comida aos famintos, trabalho aos desempregados, escolas e livros à juventude. Mas se o sr. Padre não tiver poderes para isso, compre-lhe imediatamente uma passagem para o Inferno, porque o Brasil já está cheio de trapaceiros.

Mas quando argumentava com o esgotamento tributário, sem reparar que de qualquer modo o dinheiro hayeria de sair de quem o tem, pelo que a diferença existe somente na forma de encaminhá-lo para onde a voracidade do estado o exige, o professor foi interrompido por uma dialética fria e contundente do advogado, o qual passou a analisar o mecanismo económico atual, em que os tributários do estado nada perdem com o engrossamento dos impostos, porque acham sempre um meio de recuperação.

Dizia o advogado, em suma, que o comerciante ou o proprietário carregam a importância dos impostos em cima do consumidor, dando-se o conflito dos extremos, pois o trabalhador braçal é o último que paga e não tem sobre quem se desforçar. Está aí a verdadeira vítima das orgias capitalistas, a última vítima, a que sofre no fim por causa de todos os outros. E concluiu, como uma sentença ou um aviso:

— E' por isso que há revoluções!

Por um Sindicalismo Revolucionário

(A cultura como fator de Liberdade)

POR: QUETZAL

E' incontestável que a cultura é um dos fatores decisivos para a libertação da humanidade.

Nenhuma organização social que lute pela liberdade deve despreocupar-se da preparação cultural de seus associados.

Organizados em fins do século passado e em princípios do presente, os sindicatos operários tinham como finalidade a educação individual e coletiva da classe trabalhadora, para que essa alcançasse sua completa emancipação. Infelizmente dentro dos organismos sindicais existe uma corrente conformista que amoldando-se ao meio ambiente trata de impedir o livre desenvolvimento da organização. Submete-se aos amos do Estado, e dessa maneira anula toda a iniciativa que vise a elevação cultural da classe obreira. Essa aversão à cultura por parte da corrente reformista provém do fato de sabermos os guias do reformismo que a um proletariado culto não é fácil de enganar nem de submetê-lo ao controle do Estado ou de algum partido político que, mascarando-se de revolucionário, pretenda na realidade a completa submissão dos trabalhadores para dessa forma possuir uma "massa" com a qual possam especular. Entretanto, por mais que pretendam impedir a evolução da classe obreira, não conseguem matar no proletariado a ânsia de libertação.

Ao contrário da corrente reformista, os revolucionários procuram proporcionar aos trabalhadores todos os meios ao seu alcance para que esses se elevem culturalmente, ao máximo possível, pois compreendem que para combater os inimigos da liberdade é necessário a educação da classe trabalhadora.

Sendo o sindicato uma organização cuja finalidade é a emancipação integral do proletariado, o lógico é que apoie toda iniciativa com tendência a elevar culturalmente a classe trabalhadora; para isso deve realizar conferências, editar folhetos, promover polêmicas sobre sociologia onde todas as tendências sejam examinadas e discutidas, para que os trabalhadores voluntariamente possam eleger a que creiam mais aceitável. Cremos entretanto que para poderem os sindicatos promover sessões culturais, devem libertar-se da tutela do Ministério do Trabalho, do contrário vegetarão sem conseguir orientar o trabalhador, para que este possa alcançar o nível de cultura necessária à sua libertação; porque sendo o Ministério do Trabalho um órgão do Estado, e sendo o Estado uma organização que defende os exploradores, procurarão impedir que os sindicatos realizem conferências, as quais esclareçam os problemas que mantêm na escravidão aqueles que tudo produzem sem terem o direito de serem considerados seres humanos.

RESISTÊNCIA SINDICAL

Como podemos compreender, encontramos-nos num círculo vicioso, principalmente nos dois maiores centros de atividade industrial do país, isto é, no Distrito Federal e em São Paulo. Os sindicatos estão manietados pelo Estado; uma burocracia corrupta, produto de 15 anos de fascismo, procura impedir por todos os meios que o proletariado consiga sua emancipação. Possuindo tudo a seu favor, desde a direção dos sindicatos até uma "Constituição Democrática" que impossibilita a formação de novos organismos sindicais, os atuais reitores do sindicalismo encontram-se comodamente instalados em seus postos burocráticos. Sua tranqüilidade e sua digestão de suínos durará até que os trabalhadores recuperem a liberdade e a independência, para que os sindicatos possam desenvolver-se como em realidade devem, que é, como organização aos mesquinhos sentimentos do capitalismo, e como escola de capacitação para a transformação social.

Ante os fatos expostos só nos resta aos trabalhadores uma saída: — organizar grupos de resistência sindical, para maior eficácia; esses grupos devem ser organizados por ofício, para que possam ter a suficiente agilidade; não devem ter menos de três membros ou mais de doze. Organizados, os grupos devem relacionar-se, entre si, por meio de delegados, formando a federação de grupos. Esta tem a missão de lutar pelo direito de livre organização, direito que só nos regimes totalitários é negado. Se insistimos sobre a formação de grupos de resistência é porque compreendemos a impossibilidade de atuar em organizações de portas abertas, e porque compreendemos que só com a força de uma organização, podemos reivindicar o direito de organizar-nos livremente. Sem associação, a força individual não é multiplicável, e nada poderemos fazer isoladamente por mais que lutemos, e por mais abnegação na luta ou justiça em nossas críticas, será sempre uma força isolada que nada poderá frente à realização sempre crescente dos que se creem com direitos divinos de manter-nos acorrentados a essa ordem burguesa que se baseia na desigualdade do direito, concedendo a uns o direito ilimitado de explorar as energias alheias e a outros a deprimente condição de serem explorados.

Reafirmamos que se os trabalhadores não tomarem como exemplo a organização de grupos de resistência sindical, encontrar-nos-emos sempre em inferioridade de condições para enfrentar, com êxito, o prepotente bloco de exploradores. Por nossa dignidade de classe e pelo direito de livre associação, organizemos em todos os lugares de trabalho, grupos de resistência sindical.

NÃO
APOIADO!
PELO
DR SATAN



"Milagres do Padre Antônio!" "Mais milagres do Padre Antônio!" "Todos os dias, milagres do Padre Antônio!" — vozeia diariamente a Imprensa às ordens da Companhia de Jesus.

— O milagre, que, de acordo com as táticas da "Monita Secreta", os jesuitas nos pretendem fazer engolir, com o piedoso intuito de nos desviar a atenção dos momentos e cruciantes problemas sociais, é, nada mais, nada menos, que um golpe-de-Estado vibrado por Deus contra as suas próprias leis.

"Mais uma cega que recuperou a vista!" Um homem que tinha perdido, há anos, uma perna, viu esta aparecer-lhe, de novo, e ficar ainda maior do que antes, diante da bênção do Padre Antônio! "Um bêbado deixou de beber!" "A uma pobre mulher, que há anos perdera um olho, nasceram-lhe, logo, diante do Padre Antônio, quatro olhos!"

— Continuem a clangorar, tubas da propaganda milagreira, até que se erga, em Urucânia ou Rio Casca, um grande e faustoso santuário, que deixe, pela sua imponência e clientela, a perder de vista o de Fátima, em Portugal, e o de Lurdes, em França, e — o que é mais importante! — que não só retenha no Brasil o ouro que anualmente se escoou para Fátima e Lurdes, mas atraia também para aqui o cobre, a prata e o ouro dos turistas e das beatas de todo o continente americano ávidos de curas milagrosas. Façamos, em prol da exploração do milagre, uma campanha patriótica idêntica à que os nossos amigos comunistas estão movendo com relação ao petróleo brasileiro! Nacionalizemos o milagre! Não esqueçamos que Deus é brasileiro e que o próprio Jesus Cristo nasceu em Belém, ao norte do Brasil!

"O pobre homem atacado de neurastenia, suicidou-se, jogando-se à frente de um automóvel, na avenida Getúlio Vargas!"

— A Sociedade atual, com as suas injustiças, as suas limitações à liberdade individual, os seus preconceitos e os seus tabus, é a maior fábrica de neurastênicos, de tuberculosos e cardíacos, que se conhece. Ela é o mais inexorável criminoso. Não a comovem as lágrimas nem o sangue. Uma vez assassina, por meio da fome, do frio e da sede; outras, por meio da doença e da desesperança. Cada um dos seus membros é vítima dos outros todos. O meio social é o antro da reação, que atua sobre o mortal, como o ácido prússico na carne do mesmo. Estrangula a Virtude e afoga a Liberdade.

"Salvemos a civilização cristã!" — esgança-se a gritar o órgão vaticanista indígena.

— Onde se lê "civilização cristã" leia-se "sifilização cristã". Deve ter sido erro tipográfico.

"A Igreja é sempre nova e sempre imortal" — proclamou o Santo Padre, na sua última alocução ao panúrgico rebanho.

— O mesmo asseveraram enfaticamente os chefes de todas as igrejas, de todas as religiões, que viveram e morreram antes da católica.

"Trágico desastre com um caminhão que conduzia peregrinos, alguns dos quais regressavam curados de Urucânia. Vários morreram e outros ficaram gravemente feridos!"

— Quer isto dizer que o Padre Antônio cura-os, mas Deus espera-os, à traição, numa volta do caminho, e — zás — dá-lhes a morte ou um aleijãozinho, para se entreterem o resto da vida. E, depois, digam que Deus Nosso Senhor não é bom.

"Graças a N. S. de Fátima e desde a sua aparição aos pastorinhos, Portugal vem-se impondo aos olhos do mundo. Desde então a pátria de Camões vem passando por transformações verdadeiramente excepcionais em todos os setores, desfrutando entre as nações do universo um lugar privilegiado" — escreve mons. Mário Amaral Videira, no órgão "equitativo" do equitador sr. Roberto Marinho.

— O mesmo temos nós de fazer no Brasil, se queremos prosperar. Ponhamos os olhos no pequeno Portugal de Salazar. Sirva-nos de exemplo.

"Sempre existirá, por mais que se esforcem em contrário os revolucionários, o sistema capitalista" — sentença um dos órgãos da Wall Street carioca.

— Uma obra humana tornada eterna! O sistema econômico burguês é, pois, eterno!

"Suicidou-se por não encontrar apartamento para morar com a família" — informam as agências em telegrama da América do Norte.

— Viva a civilização capitalista!

"Temos que lutar contra o capital financeiro e estrangeiro!" — continua a gritar o órgão do "camarada" Prestes, a propósito da questão do petróleo.

— O nosso inimigo é o nosso senhor, qualquer que seja a sua nacionalidade. Iânque ou brasileiro, não importa. Da mesma nacionalidade dos trabalhadores são, na Rússia, os capatazes e demais serventuários do patrão Estado, e nem porisso os que suam, suam menos, ou têm mais regalias do que em qualquer país de capitalismo privado e internacional.

A. I. T.

ASSOCIAÇÃO
INTERNACIONAL
DOS TRABALHADORES



O anarquismo através do mundo

América do Norte — A — I. W. W. (Industrial dos Trabalhadores do Mundo) — Embora constitua uma minoria frente às organizações reformistas que infelizmente dominam o proletariado da grande nação americana, trabalha ativamente propagando os princípios de luta da A. I. T.

Os anarquistas, em número bastante regular também atuam intensamente na propagação dos nossos ideais, auxiliando os camaradas espanhóis na luta contra o franquismo, e prestando igualmente o seu concurso à "Cultura Proletária", velho paladino do anarquismo, fundado pelo grande idealista Pedro Esteve.

Inglaterra — Na Inglaterra, mau grado o predomínio socialista, ainda existe um movimento anarquista considerável que atua com grande entusiasmo e energia, principalmente agora que o proletariado começa a compreender a grande mentira das soluções políticas.

O grupo de A. I. T. que há tempos existe muito bem constituído, trabalha ativamente e faz intensa campanha a favor

do rompimento com Franco, e pela restauração das liberdades na Espanha.

Não devemos esquecer que Londres foi sempre um refúgio para os anarquistas perseguidos de todo o mundo; e que lá atuaram propagando as nossas idéias homens como Kropotkin, Bakunin, Carlos Malato, Malatesta, Pedro Vallina e muitos outros idealistas. Igualmente devemos recordar que foi na capital britânica que surgiu em Setembro de 1864 a Primeira Internacional.

Grécia — Apesar do regime de terror imposto pela Inglaterra, o Movimento anarquista resurge com grande entusiasmo, e podemos afirmar que a sua ação entre os guerrilheiros é digna de relevo.

Alemanha — Na Alemanha, hoje, sob o domínio dos aliados, sempre existiu um movimento anarquista vigoroso, e foi também muito intensa a ação dos sindicatos, principalmente nas regiões de Berlim e Hamburgo.

Em Berlim, foi organizada em 1922, após o rompimento com a Internacional de Moscou por parte da Espanha, Portugal, Suécia, Itália e Argentina, a A. I. T. Associação Internacional dos Trabalhadores, destinada a seguir a obra de Primeira Internacional de 1864. Hoje, dada a impossibilidade de atuar publicamente no país ocupado, os anarquistas alemães organizaram o seu Comitê de Ação, no exílio publicando um excelente semanário que tem por título — "Der Freiheitliche Sozialist" — e faz intensa campanha pelo ressurgimento do movimento anarquista, na terra do grande idealista Rodolfo Rocker.

Iugoslávia — Embora lutando contra a tirania do fatídico Tito, instrumento incondicional de Moscou, tivemos notícias de que o Movimento Anarquista está em período de franca reorganização, e que mesmo afrontando grandes perigos, a luta clandestina é intensa. Aguardamos um boletim cujo envio foi anunciado, para dar maiores detalhes sobre este movimento.

O ARCHOTE

Acaba de aparecer em sua nova fase, "O Archote", periódico-anarquista, de Niterói. Não podemos deixar de assinalar o acontecimento, e com entusiasmo, principalmente, porque sabemos o quanto ele representa de vontade férrea do seu esforçado diretor, que se a mantiver, pela vida fora, será uma das grandes realidades do movimento de emancipação humana.

No número anterior, por um descuido de revisão, saiu o nome do grande escritor Wells (H. G. Wells) precedido de um W. que não existe.

Um apêlo aos camaradas e simpatizantes

Com a modificação do aspeto gráfico, o aumento de tiragem e outras melhorias que se impunham no nosso jornal, criámos, como se compreende, um aumento apreciável de despesa, que quase duplicou. É necessário, em face disto, que os camaradas e simpatizantes que habitualmente nos leem aumentem as suas contribuições e que aqueles que ainda não contribuem se apressem a trazer-nos o seu auxílio mensalente.

LIVROS NOSSOS

"Em volta de uma vida" — Kropotkine
Cr\$ 40,00

"Idéias absolutistas no socialismo" —
Rodolfo Rocker — Cr\$ 18,00

"Curso Completo (Elementar, Médio e Superior) de Esperanto" — Roberto das Neves — permitindo o aprendizado sem mestre, em três meses, do idioma universal — Cr\$ 50,00.

A venda nesta Redação. Juntar mais 10% para despesas de correio.

EM BREVE APARECERÃO:

"O Anarquismo ao alcance de todos", de
José Oiticica

"Sermões da Montanha", de Tomás da Fonseca



"Não choreis a minha morte; não percais, glorificando a mortos, em tempo de que necessitais para orientar e educar os vivos."

Há três anos que a guerra terminou com a derrota das hordas totalitárias e o triunfo das chamadas — "Nações Democráticas" — que prometeram no mundo o início de uma nova era, a qual teria a finalidade profundamente humana de assegurar a todos os povos da terra, a paz, a justiça e a liberdade...!

O exemplo da Espanha e Portugal, submetidas ainda à tirania de Franco e de Oliveira Salazar, são prova evidente da grande mentira que representa essa promessa democrática, que não foi, nem será jamais cumprida, já que os líderes da política internacional, longe de remediarem os males da última guerra, discutem como e onde terá início a que preparam com as suas ambições e divergências.

A maior vergonha é a permanência de Franco no poder, já que este homem fatídico, não só exterminou durante 11 anos a mais de um milhão de espanhóis como destruiu os valores mais positivos da terra heroica e generosa de Cervantes, o genial autor de — "Don quixote de la Mancha".

A ESPANHA É UM PRESIDIO

Mau grado a propaganda fascista que afirma a cada momento que é muito limitado o número de presos políticos na Espanha, eu que recebo continuamente notícias diréctas do inferno franquista, vou expor com dados absolutamente verídicos, o número exato de homens e mulheres que morrem lentamente nos cárceres e campos de concentração, e desafio, não só, os defensores do fatídico caudillo, como os seus representantes diplomáticos no Brasil, a que desmintam as minhas afirmações.

No último boletim publicado pelo sr. Aylagas, Diretor Geral das Prisões de Franco, este afirmava que o número de presos existentes na Espanha era apenas de 40.000, na sua maioria condenados a penas diminutas que não excediam de 4 anos de prisão!...

Vejamos porém a cruel realidade:

Páginas de dôr e de revolta

A Espanha é um presídio

POR: MANOEL PERES

Prisões de Homens	Número de Presos	Prisões de Mulheres	Número de Presos
Alcalá de Henares	1.874	Palencia	428
Ocaña	1.625	Burgos	2.058
Talavera	1.943	Pamplona	940
Guadalajara	1.537	Larrinaga (Bilbao)	649
Especial de Guadalajara	967	San Sebastian	458
Carabanchel e Yeserias	6.400	Vitoria	372
Cuenca	170	Provincial de Pamplona	280
Segovia	600	Provincial de Burgos	380
Ciudad Real	1.225	Soria	195
Penal de Cuellar	1.035	Granada (Provincial)	770
Puerto de Santa Maria	1.589	Almeria	689
Sevilla	2.322	Malaga	896
Badajoz	1.021	Cordoba	985
Cadiz	672	Jaen	990
Huelva	565		
Tenerife	1.823		
Baleares e Marrocos	2.327		
Colonia de Dos Hermanas	1.034		
Barcelona	5.480		
Cerona	526		
Lerida	418		
Tarragona	345		
Zaragoza	1.633		
Figueras	1.070		
San Miguel (Valencia)	1.989		
(Granada)	1.048		
Reformatório de Alicante	1.093		
Provincial de Valencia	1.832		
Provincial de Alicante	507		
Provincial de Castellon	486		
Provincial de Terue	268		
Provincial de Albacete	563		
Central de Santona	1.542		
Provincial de Santander	986		
Central de Gijon	960		
Provincial de Oviedo	1.027		
Provincial de Lugo	840		
Provincial de la Caruna	1.146		
Pontevedra	752		
Provincial de Orense	820		
Salamanca	647		
Avila	110		
Caceres	468		
Leon	627		
Zamora	340		
Provincial de Valladolid	796		

Prisões de Homens	Número de Presos	Prisões de Mulheres	Número de Presos
Ventas (Madrid)	988	Palencia	428
Segovis	342	Burgos	2.058
Alcala de Henares	782	Pamplona	940
Aranjuez	1.017	Larrinaga (Bilbao)	649
Prisão para mulheres lactentes de Madrid	229	San Sebastian	458
Prisão Manicomio	85	Vitoria	372
Toledo	362	Provincial de Pamplona	280
Provincial de Segovia	180	Provincial de Burgos	380
Guadalajara	195	Soria	195
Ciudad Real	562	Granada (Provincial)	770
Cuenca	142	Almeria	689
Sevilla	620	Malaga	896
Badajoz	325	Cordoba	985
Cadiz	249	Jaen	990
Tenerife	380		
Baleares e Marrocos	495		
Barcelona	1.115		
Gerona	220		
Lerida	160		
Tarragona	109		
Huesca	267		
Zaragoza	534		
Valencia	672		
Especial de Gerona	629		
Provincial de Valencia	466		
Provincial de Alicante	180		
Provincial de Castellon	198		
Teruel	86		
Albacete	193		
Especial de Santander	487		
Provincial de Santander	462		
Provincial de Oviedo	498		
Provincial de Lugo	318		
Provincial de la Coruna	503		
Provincial de Pontevedra	216		
Provincial de Orense	260		
Provincial de Salamanca	290		
Provincial de Avila	32		
Caceres	200		
Leon	210		
Zamora	112		
Valladolid	385		
Palencia	150		
Bilbao	346		



San Sebastian	218
Vitoria	109
Pamplona	132
Soria	70
Granada	403
Murcia	215
Almeria	321
Malaga	392
Cordoba	1.025
Jaen	985

Total de Homens	102.969
Total de Mulheres	20.501
Total de Presos	123.470

As penas dos presos (homens e mulheres) oscilam entre 6, 12, 20, e 30 anos de prisão, sendo grande o número dos que tem petição de pena de morte.

Devo afirmar que estes números figuram numa informação oficial, de caráter confidencial, do próprio Ministério da Justiça de Franco, informação esta que não é conhecida pelo público da Espanha, e menos ainda pela opinião pública internacional. Os homens que lutamos pela liberdade, conseguimos sempre com tenacidade e mesmo com sacrifícios, conhecer todas as misérias postas em prática pelos tiranos para oferece-las ao julgamento das consciências honradas do mundo.

A O.N.U. está reunida para discutir os graves problemas que surgiram como consequência da última guerra, na qual perderam a vida mais de 50.000.000 (Cinquenta Milhões) de seres humanos, deixando os seus lares em ruínas e milhares de mães, esposas, irmãs e filhinhos queridos, no maior abandono.

Este quadro de dôr, não importa a esses senhores preocupados em ver qual das duas correntes há-de dominar o ocidente europeu, a que segue a orientação de Stalin, ou a que obedece às ordens do "mister" Truman.

Para vergonha de todos, como insulto aos homens de sentimentos generosos, Franco continúa matando, oprimindo e torturando a um punhado de heróis, que tanto lutaram e lutam pela felicidade de todos os povos do mundo.

OS ESTUDANTES E A QUESTÃO SOCIAL

POR SPARTACUS

E' patente o profundo desinteresse que a classe estudantil em geral vota às questões sociais.

São raros os que nessa idade, própria ao acalentamento de ideais valorosos, se dediquem, ainda que passageiramente, à magna questão da humanidade e procurem ou por um meio, ou por outro, entendê-la e dentro de um prisma idealístico, lutar pela solução do problema.

São raros os que ao ingressarem nos cursos superiores, precisam contrabalançar a rigidez dos programas oficiais, com leituras proveitosas, e, ainda mais raros, se tornam os que dedicam algumas horas ao estudo de livros que tratam de assuntos sociais.

Ainda que não seja para adotar uma atitude ou se definir por um ideal, ao menos, para enriquecer a inteligência com novos conhecimentos.

A origem dessa apatia radica no próprio ambiente estudantil, todo êle impregnado de racionalismos acomodados.

O mestre evita, delicadamente, de tratar de problemas sexuais, não por ignorância dos mesmos, mas, sim, por um falso pudor, acalentado pela decrepita moral cristã.

Idêntico fato se processa com os problemas sociais; nestes últimos, os professores, em geral, são de uma ignorância pasmosa.

Cumpra o estudante lançar o grito de revolta contra o ambiente. A Idade Média da história social já passou, longe vai

o tempo em que homens "sisudos" tinham o cinismo de afirmar: "A questão social não existe" ou então "A questão social é um caso de polícia".

Nem uma coisa, nem outra.

A questão social é potente, urge uma solução satisfatória.

Desde as classes abastadas, até a proletária, ela é sentida com igual intensidade: numa sobre o aspecto moral; noutra sobre o ângulo econômico.

Cabe em grande parte aos estudantes aos futuros médicos, advogados etc. lançar o brado de revolta contra a causa desses males.

O problema está exigindo uma solução imediata. As proteções e desvios dos governos, já não cabem dentro do estado atual das coisas.

As maquinações políticas, ainda conseguem desviar boa parte de estudantes da compreensão real do problema.

Alertai pois estudantes! Lançai vosso brado de protesto contra as injustiças sociais.

Aproveitai-vos com leituras que vos habilite a ver e discutir com fundamento o problema, e sempre em mira que a questão social é uma questão profundamente humana, já que atinge os homens sem distinção de condição política, econômica ou moral e terá de ser resolvida à margem de todos os partidos, os quais só visam o poder.

Avante, pois, pela redenção humana.

Exame de politica

- Diga-me, senhor, que é política?
- E' a ciência que ensina a viver do pressuposto.
- Que é o pressuposto?
- E' a marmitta nacional onde todos desejam meter a colher.
- Como se divide a política?
- Divide-se em partidos.
- Muito bem. Pode você dizer quantos partidos há?
- Dois: o dos que estão em cima, e o dos que estão em baixo.
- Invertem-se as funções?
- Sim, sr., por uma troca de papéis que determina uma "revolução".
- E, então, o que sucede?
- Os partidos que esmagavam, esbravejam, e os que esbravejam, esmagam.
- Perfeitamente. Diga-me, para que servem as "revoluções"?
- Para que a cauda do organismo político se converta em cabeça e a cabeça em cauda.
- Obtem-se por meio dessa inversão algum beneficio público?
- Não senhor, porque a ordem dos fatores não altera o produto.
- Que entende o candidato por pátria?
- E' uma pobre senhora, mãe de uma família desunida.
- A quem se dá o nome de patriotas?
- Aos que dizem amar a pátria.
- De que forma manifestam o seu carinho?
- Servindo-a nos destinos públicos.
- E a servem desinteressadamente?
- Que eu saiba nunca, a julgar pelas contas do Tesouro.
- Fale sobre a fauna política!
- Da fauna política, fazem parte papagaios que não cessam de dizer bobagens, para dar mostras de talento; gaviões de soberbas garras, que pretendem sacrificar-se por amor do próximo... bolso; corvos, que seguem a presa moribunda, etc.
- E o povo a que espécie pertence?
- Pertence à espécie do "pássaro bobo".
- E' suficiente. O candidato está aprovado!

RIPPER.

OS EX-PRACINHAS E A DANSA GUERREIRA

POR HERCULANUM

Os forjadores da guerra, para atingirem os seus objetivos macabros, de tudo são capazes. O seu trabalho, no sentido de conquistar as simpatias gerais para o que chamam a causa sagrada da pátria, é feito com perspicácia e método, pacientemente, de modo que os ingênuos não lhes percebem os processos, que são muitos.

Trata-se de eriar no seio do povo um sentimento exagerado de patriotismo, chamando-lhe a atenção para as riquezas do solo, para a exuberância da natureza. Os poetas, nesse particular, prestam, ingenuamente, um grande serviço.

Outra tática, visando o mesmo fim macabro, consiste em exarcebar os ânimos contra o possível inimigo, concentrando-se em relação a este uma prevenção, uma antipatia que se vai tornando, com o tempo, cada vez mais forte.

Tudo é feito quotidianamente, lentamente, e bem poucos dentre aqueles que tomam parte nessa preparação para o extermínio, têm consciência do seu papel.

Depois, quando tudo está pronto, uma simples ordem é o bastante. Acende-se o estopim e eis que se inicia a carnificina.

Estas considerações nos foram sugeridas pelo abandono em que se encontram os ex-pracinhas, alguns irremediavelmente mutilados. E' fácil verificar a situação precária dessas vítimas da última guerra, em favor das quais nada, absolutamente nada, foi até agora feito.

Domingo, 28 de setembro, no programa dos calouros da Rádio Tupi, tivemos uma amostra de tão singular abandono, ouvindo

Homero Farrel de Santana, que compôs e apresentou ali, ao microfone, uma paródia interessantíssima e oportuníssima, sobre o seu drama, bem recebida, por ser verdadeira nua e crua.

Falou de promessas que não se cumpriram e de providências anunciadas que não se corporificaram. Providências? Se alguém as tomou não foram além dos cabeçalhos dos jornais. E apontou a quantos o ouviram, com estarrecimento, a realidade: "Esses doutores, deputados e senadores, nada fizeram para resolver o problema dos ex-combatentes. Acham-se deslumbrados com as comodidades que lhes pode oferecer o "dollar" americano. Os futuros jovens que se acantelem; não façam de palhaço, não dêem outro murro, no escuro, na próxima guerra".

Também fez referências não muito honrosas à democracia.

Ai está uma advertência tocante, uma lição viva, impressionante, que devia ser endereçada não somente aos jovens do futuro, mas a toda a humanidade, aos homens, às mulheres e às crianças. Que todos tomem sentido e não se deixem inflamar pelos soleníssimos apêlos em defesa de velhas e fracassadas entidades. Estamos vivendo o século da razão e da lógica. A obediência cega ou a crença ingênua não mais se justificam.

Já compreendemos esses ilustres provocadores de guerra e sabemos quais as verdadeiras intenções que os animam: primeiro, açulam os povos, uns contra os outros; segundo, finda a catástrofe, correm a se banquetear na mesa da vitória.

Para os pracinhas anônimos, porém, nada lhes toca, nem mesmo as migalhas acaso caídas debaixo da mesa porque estas se destinam a outras bôcas...